

SEÇÃO III

Economia Agrícola

Sumário

A previsão do Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário é de crescimento de 0,5% em 2019 e de uma aceleração para 2% em 2020. Por componente, a previsão para 2019 é de alta de 0,2% no valor adicionado da lavoura e de 2,3% no valor adicionado da pecuária. Os segmentos que mais devem contribuir para o resultado positivo no valor adicionado da lavoura são os de produção de milho e algodão, com aumento previsto de 21,4% e 32,5%, respectivamente, no volume produzido no ano. As culturas de soja e café, por outro lado, devem registrar desempenho negativo em 2019, com quedas previstas de 4,0% e 13,1%, respectivamente. Em relação à pecuária, todos os segmentos devem fechar o ano com crescimento. Para o ano de 2020, as primeiras informações indicam que o setor deve apresentar resultados superiores ao esperado para 2019. Estimativas preliminares da Conab sugerem que as safras de soja, arroz e algodão devem crescer 6,0%, 6,1% e 6,0%, respectivamente. A safra de milho, que vem sendo destaque no ano de 2019, deve se manter estável segundo as mesmas estimativas.

O setor externo apresentou contração de 5% entre janeiro a julho de 2019, comparado ao mesmo período de 2018. Apesar do crescimento dos três principais produtos de exportação – celulose, carne de frango e carne bovina –, houve forte contração das exportações de soja em grãos e farelo de soja, claramente ainda os principais produtos da pauta. Em contrapartida, pode-se destacar o extraordinário crescimento das exportações de milho em grãos e do café cru em grão. Embora o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais seja muito inferior ao das exportações, houve um pequeno crescimento de 3% entre janeiro a julho de 2019, comparado ao mesmo período de 2018. O trigo continua sendo o produto importado mais significativo, cujo valor aumentou em 12%. Os insumos também foram destaque entre os importados, com crescimento de 28% nos sete primeiros meses de 2019 em relação 2018.

Esta seção conta ainda com a análise detalhada feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP) dos mercados e preços agropecuários domésticos. No período de abril a junho de 2019, comparados com o trimestre anterior, a maioria dos produtos agropecuários teve aumento nos preços, com destaque para três produtos agrícolas – soja, arroz e batata. Entretanto, todos os produtos pecuários (leite, boi gordo, suínos, aves e ovos) tiveram aumento de preços. Na comparação entre o acumulado do ano de 2019 com 2018, também houve aumento médio de preços de produtos agropecuários, exceto para os produtos agrícolas soja, milho, algodão e café.

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Por último, a subseção de crédito rural apresenta o fechamento do ano safra 2018/2019, as condições de crédito do setor e o Plano Agrícola e Pecuário 2019/2020.

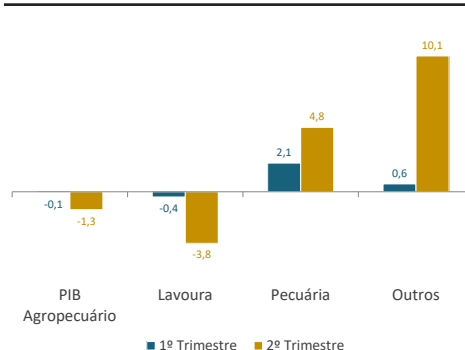
1 Nível de atividade e emprego

1.1 PIB Agropecuário 2019 e 2020¹

Para o ano de 2019, a previsão para o PIB Agropecuário é de crescimento de 0,5%. Levando em consideração as estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é previsto um crescimento de 0,2% no valor adicionado da lavoura. Para a pecuária, com base nas informações das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha e das previsões do United States Department of Agriculture (USDA) – complementadas por previsões econométricas próprias –, estima-se crescimento de 2,3% em seu valor adicionado. Por fim, o componente outros² também deve contribuir positivamente para o setor, com uma alta de 2,4% em 2019.

As estimativas do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea apontam ainda que, no segundo trimestre de 2019, o PIB do setor agropecuário recuou 1,3% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A queda no período é explicada principalmente pelo fraco desempenho do valor adicionado da lavoura, que apresentou redução de 3,8% e possui o maior peso no cálculo do PIB do setor. Entre os segmentos com peso relevante no segundo trimestre, as produções de soja e de café foram as que mais contribuíram para esse resultado negativo, com quedas previstas de 4,0% e 13,1%, respectivamente, para o volume produzido no ano. Vale lembrar que a diminuição na produção de soja foi consequência do recorde na safra 2017/2018 – portanto, comparada com a safra anterior, de fato houve queda, mas, ainda assim, ela foi a segunda maior já registrada em termos de volume. Em relação ao café, o ano de 2019 está sendo marcado pela bialidade negativa nos cafezais. A bialidade é um fenômeno natural e esperado pelo setor, no qual a produtividade é alta em um ano e baixa no seguinte. A variedade arábica particularmente é a mais afetada por este fenômeno e, por representar 72% da produção nacional, é a que está mais contribuindo para essa minoração.

GRÁFICO 1
Previsão de crescimento do PIB agropecuário por componente (2º trim./2019)
(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: Ipea
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

¹ Subseção elaborada por Leonardo M. de Carvalho, Pedro M. Garcia, Felipe M. Cornélio, José Ronaldo de C. Souza Júnior e Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea.

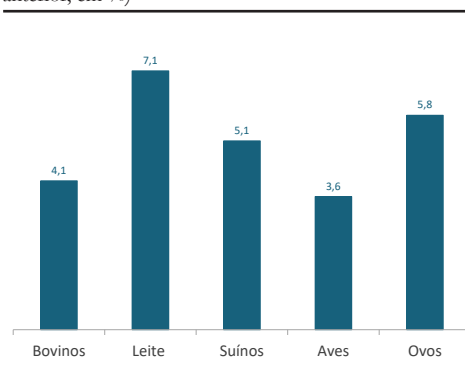
² O componente outros inclui: produtos da exploração florestal e da silvicultura; pesca e aquicultura (peixe, crustáceos e moluscos).

Em sentido contrário, os componentes pecuária e outros apresentaram evolução de 4,8% e 10,0%, respectivamente, no valor adicionado do segundo trimestre na comparação com o mesmo período de 2018. Entre os segmentos da pecuária, o crescimento interanual da produção foi novamente disseminado entre os diferentes produtos, conforme ocorrido no primeiro trimestre do ano. Os destaques ficaram por conta da produção de bovinos e de leite, com altas de 4,1% e 7,1% no volume produzido, respectivamente, e do aumento da quantidade produzida de carne, que pode ter sido impulsionado pelo mercado internacional. Apesar da queda nos preços, houve aumento no volume exportado. No caso do leite, o aumento da produção pode ser explicado em grande parte pelo mercado doméstico, que vem apresentando trajetória positiva no preço do produto desde o início de 2019.

GRÁFICO 2

Pecuária: taxa de crescimento interanual do volume produzido (2º trim./2019)

(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.1 Agricultura

As previsões de safra do LSPA indicam que a maior contribuição da lavoura para o ano de 2019 virá principalmente da produção do milho, que tem uma alta estimada em 21,4%, impulsionada pelo crescimento expressivo de 31% na safrinha (segunda safra). Alguns fatores estão contribuindo para esse resultado, a saber: internamente houve aumento da demanda – em especial como matéria-prima na indústria de etanol –, e igual movimento foi observado no mercado internacional, já que a queda da produção americana aumentou as exportações brasileiras.

Além do milho, outro segmento que deve apresentar forte alta é a produção de algodão, com estimativa de crescimento de 32,5% no volume produzido. O principal destino do produto brasileiro continua sendo o mercado internacional, competindo com os Estados Unidos e a Índia, que também apresentaram aumento de produção.

Apesar disso, o crescimento da lavoura deve seguir a mesma tendência do segundo trimestre. Isso deve ocorrer por conta das estimativas de queda na safra de outros três produtos que figuram entre os com maior peso no valor adicionado do componente no trimestre, quais sejam: a soja, a cana-de-açúcar e o café. No caso da cana-de-açúcar, a queda na produção deverá ser decorrente da redução na área plantada. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), esse resultado foi causado principalmente pela região Sudeste – principal produtora do Brasil –, que substituiu parcialmente a cultura por soja. Igual movimento de

redução da área plantada foi observado nas regiões Sul e Nordeste, e apenas no Centro-Oeste houve incremento de área. O efeito das safras menores de soja e café sobre o valor adicionado da lavoura, por exemplo, é mais do que suficiente para compensar a contribuição em 2,0% p.p. da produção de milho para o PIB do componente (ver tabela 1).

TABELA 1
Previsão da produção agrícola para o ano de 2019

Produtos da Lavoura	Varição prevista na produção (%)	Contribuição para o PIB da lavoura (Em p.p)
Arroz	-12,7	-0,3
Milho	21,4	2,0
Trigo e outros cereais	10,5	0,1
Cana-de-açúcar	-1,4	-0,2
Soja	-4,0	-1,4
Outros produtos e serviços da lavoura	-0,8	-0,2
Mandioca	3,8	0,1
Fumo	-4,4	-0,1
Algodão herbáceo e outras fibras	32,5	0,9
Laranja	-1,1	0,0
Café	-13,1	-0,8

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.2 Pecuária

No que se refere à pecuária, as previsões do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea, tendo como base as informações do USDA e das pesquisas trimestrais do IBGE, apontam crescimento para todos os itens no ano de 2019, com destaque para as produções de bovinos, leite e suínos (ver tabela 2). Esse resultado reflete a expectativa do setor, com destaque para o aumento das exportações.

TABELA 2
Previsão da produção pecuária para o ano de 2019

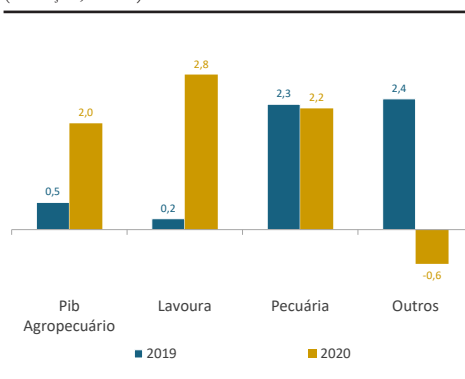
Produtos da Pecuária	Varição prevista na produção (%)	Contribuição para o PIB da pecuária (p.p.)
Bovinos	1,5	0,8
Leite	2,8	0,6
Suínos	5,4	0,3
Aves	1,9	0,2
Ovos	4,5	0,4

Fonte: USDA/Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.3 PIB Agropecuário 2020

Para o ano de 2020, as primeiras informações indicam que o setor deve apresentar resultados superiores ao esperado para 2019. Estimativas preliminares da Conab sugerem que as safras de soja, arroz e algodão devem crescer 6,0%, 6,1% e 6,0%, respectivamente. A safra de milho, que vem sendo destaque no ano de 2019, deve se manter estável segundo as mesmas estimativas. Para os demais produtos que compõem o setor agropecuário, foram utilizadas estimativas da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e modelos de séries de tempo próprios. A partir destes dados, o Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea projeta um crescimento de 2,0% para o PIB Agropecuário em 2020. O componente que mais deve contribuir para a alta é a lavoura, com crescimento de 2,8% em seu valor adicionado. Além dos resultados positivos das culturas estimadas pela Conab, a cana-de-açúcar deve ser um destaque adicional, apresentando um aumento de 4,1% em seu volume produzido. Para a pecuária, a expectativa é de uma elevação de 2,2%, liderado por uma alta de 2,0% na produção de bovinos. Por fim, o componente outros deve recuar 0,6%.

GRÁFICO 3
Previsão de crescimento do PIB Agropecuário por componente para os anos de 2019 e 2020
(Variação, em %)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.2 Renda no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços³

Consideradas informações disponíveis até maio de 2019, estimativas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, feitas em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA), apontam para uma queda interanual (janeiro a maio) de 0,55% no PIB-volume do agronegócio. Entre os segmentos, insumos e agroindústria apresentam taxa interanual do PIB-volume positiva, com reduções para o segmento primário e agrosserviços.

O *agronegócio* é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços.

³ Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Morais e Marcello Luiz de Souza Junior, todos do Cepea/Esalq/USP.

Além das variações em volume do PIB, o Cepea/USP também calcula, em parceria com a CNA, as variações de preços relativos e do PIB-renda do agronegócio e de seus segmentos. A tabela 3 mostra a variação interanual estimada para esses indicadores, assim como a taxa acumulada no ano.

TABELA 3

Varição interanual do PIB-renda do agronegócio e dos preços relativos¹ (2019)

(Em %, com informações de jan.-mai./2019)

Segmento	Preços Relativos ¹	PIB-renda do Agronegócio
Insumos	9,52	17,1
Primário (Agropecuária)	-3,23	-6,15
Agroindústria	3,61	4,16
Agrosserviços	2,98	2,48
Agronegócio Total	2,06	1,64
Acumulado do ano	0,86	0,68

Fonte: Cepea/USP e CNA, com base em dados próprios e IBGE, Conab, Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg).

¹ Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

Apesar da queda de volume em 2019, os preços relativos do setor tiveram taxa interanual positiva em 2,06%. Entre os segmentos apresentados na tabela 3, destaca-se a importante alta em preços relativos para insumos, e crescimento para a agroindústria e agrosserviços, com redução apenas no segmento primário. Diante desse cenário, a alta estimada do PIB-renda do agronegócio até maio é de 0,68%, com taxa interanual de variação em 2019 de 1,64%, frente a 2018. Esse resultado é reflexo das variações interanuais positivas esperadas para insumos, agroindústria e agrosserviços, face à redução avaliada para o segmento primário.

No segmento de insumos, a significativa expansão do PIB-renda do agronegócio é resultado principalmente da elevação esperada na produção nacional de defensivos e da alta significativa de preços na indústria de fertilizantes. No caso dos fertilizantes, o alto patamar de preços domésticos reflete fatores observados desde o segundo semestre de 2018, como aumentos nas cotações das principais matérias-primas do insumo no mercado internacional, desvalorização da taxa de câmbio e instabilidade e elevação de custos logísticos relacionados ao tabelamento de fretes. No caso da elevação em quantidade de defensivos, esse movimento está associado à maior demanda por parte de culturas mais intensivas no uso desse insumo, como o algodão. Ademais, o aumento da produção nacional de defensivos foi impulsionado como uma resposta ao fechamento de diversas indústrias do insumo na China (frente à política de recuperação ambiental que vem sendo aplicada no país), já que o Brasil é importante demandante do produto chinês.

No segmento primário, no ramo agrícola, verifica-se um efeito negativo da redução nos preços relativos e do aumento dos custos de produção sobre o PIB-renda do agronegócio. Já para o ramo pecuário, no segmento primário, a manutenção da oferta no mesmo patamar, com leve alta na média das atividades, e o aumento da demanda, notadamente internacional, têm influenciado a elevação de preços, resultando em crescimento na renda do segmento. No geral, de janeiro a maio de

2019, os produtos agropecuários que tiveram aumento de preços foram: batata, feijão, arroz, cacau, laranja, trigo, uva, tomate, bovinos, frango, suínos e leite. Já para a quantidade produzida, destacam-se: algodão, banana, mandioca, milho, trigo, bovinos, leite e suínos.

Na agroindústria, verificaram-se altas nas médias de preço e quantidade produzida para ambos os ramos. Para a indústria pecuária, destaca-se a sustentação dada pela elevada demanda internacional, motivada pela demanda asiática em decorrência da peste suína africana (PSA), que prejudicou a produção pecuária desses países. Já para a indústria de base agrícola, destaque para o aumento das atividades como açúcar, celulose e papel e têxtil.

O desempenho dos agrosserviços, por sua vez, reflete o comportamento dos demais segmentos do agronegócio. Até maio de 2019, houve um maior incentivo devido ao aumento da demanda, especialmente motivado pela alta no segmento agroindustrial, notadamente de atividades que tiveram a demanda reforçada pelas exportações.

2 Setor externo ⁴

As tabelas 4 e 5 apresentam os dados de exportação e importação de produtos do agronegócio utilizando as nomenclaturas PPE (principais produtos de exportação) e PPI (principais produtos de importação) para o período janeiro-julho de 2018 e 2019. No total, as exportações desses produtos caíram 5% nos primeiros sete meses do ano, enquanto as importações cresceram 3%.

As exportações de soja caíram 8% em quantidade e 12% em preço, implicando numa queda em valor de 19%. Em grande parte, essa redução é reflexo da queda das vendas para o mercado chinês: nos primeiros sete meses do ano, as exportações brasileiras para a China caíram para 13,7 milhões de toneladas, bem abaixo dos 17,6 milhões de toneladas exportados no mesmo período do ano anterior. Essa redução foi causada principalmente pela demanda. Pelo lado da oferta, apesar do Brasil ter apresentado queda de 3,5% na produção, se comparada com a safra passada, a safra 2018/2019 foi bastante alta, devendo chegar à segunda maior em termos históricos, de acordo com a Conab. Por outro lado, o da demanda, os países asiáticos têm reduzido a importação do grão desde janeiro, em razão da PSA, que tem provocado grandes perdas no plantel de suínos nesses países: apenas para a China, estima-se uma redução dos estoques de suínos em cerca de 20%. Isso corrobora a mais recente previsão da Conab, que é de queda de 68 milhões de toneladas na exportação, contra 83,3 milhões de toneladas no período anterior.

A guerra comercial entre China e Estados Unidos também tem influenciado o comércio global dessa commodity. Nos cinco primeiros meses de 2019, em comparação com o mesmo período do ano anterior, as vendas de soja dos Estados

⁴ Subseção elaborada por Marcelo Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

Unidos para a China caíram de 15,2 milhões para 5,3 milhões de toneladas. O impacto direto é a redução de 10% da área plantada no país – que já está com o plantio atrasado –, que afetou todos os estados produtores. Em termos de estoque, o USDA prevê queda, explicada tanto pela previsão de queda na produção da safra 2019/2020, como de queda também nas exportações estadunidense. A PSA e o seu impacto no mercado internacional também estão por trás da redução das exportações de farelo de soja do Brasil, que caíram 7% em quantidade e 9% em preço, no mesmo período.

As exportações de celulose continuam crescendo nos primeiros sete meses de 2019, com variação de 1% tanto em preço como em quantidade. O aumento das exportações ocorre para a maioria dos mercados, mas merecem destaque a Alemanha, com aumento de 21,5%; os Estados Unidos, com 20,8%; e o Japão, com 38,3%. Os mercados de carnes, de forma geral, estão experimentando um forte dinamismo este ano. Provavelmente, a PSA é o fator que mais tem impactado positivamente o comércio de todas as proteínas animais. As exportações de carne de frango cresceram 12% nos primeiros sete meses do ano, graças a um aumento de 5% nas quantidades e de 7% nos preços. Apenas para a China, as exportações em valor aumentaram 40,3% no período, seguidas pelas vendas para Coreia do Sul (23,4%), Emirados Árabes Unidos (26,6%) e Arábia Saudita (16,8%). Esse aumento compensou a queda nas exportações para a União Europeia – que caíram 47% no período –, ainda em consequência da operação Carne Fraca. Em razão da queda no consumo de carne suína, os asiáticos vêm substituindo a proteína pela carne de frango. Segundo o USDA, esse mercado também tem sido vantajoso para os Estados Unidos, que, apesar da guerra comercial com a China, vêm atendendo os países vizinhos – com destaque para Taiwan (47%) e Vietnã (70%) – e África do Sul (70%).

As exportações de carne bovina aumentaram 22% em quantidade, mas, com a queda de 7% nos preços, o valor aumentou apenas 14% no período. Merece destaque, nesse ano, o aumento de 326,7% para os Emirados Árabes Unidos, compensando largamente a queda das exportações para Hong Kong, de 25%. A China continua sendo o maior mercado, com crescimento de 15% no período. A PSA também pode explicar parte do aumento do consumo de carne bovina como substituto de proteína nos países asiáticos.

O forte crescimento da produção de milho nesse ano, principalmente da segunda safra, foi um dos fatores responsáveis pelo forte crescimento das exportações do grão – 163% em valor, 142% em quantidade e 8% nos preços. No período, as exportações para alguns países, como Taiwan, Coreia do Sul e Vietnã aumentaram mais de 6 vezes, ao mesmo tempo que as vendas para o Japão cresceram 37 vezes. O Irã, o maior mercado, aumentou suas compras em 27,8%. Esse crescimento foi muito pronunciado em junho e julho, coincidindo com a queda das exportações norte-americanas, prejudicadas por eventos climáticos. Além disso, os preços das exportações do Brasil (junto com Argentina e Ucrânia) são menores do que o do produto norte-americano. Segundo a Conab, a expectativa para os próximos

meses de 2019 é de alta nas exportações, mostrando claramente que, mesmo com o aumento do consumo do grão no mercado doméstico como matéria-prima para as usinas de etanol, o país ainda possui estoques suficientes para atender o mercado internacional. O USDA destaca que, nos Estados Unidos, os preços mais baixos da soja e os preços mais altos do milho vêm incentivando os agricultores a trocar mais área de cultivo para o milho. O país é atualmente o principal exportador de milho do mundo, representando 31%.

O café também experimentou um forte aumento das exportações no período, com variação de 22% em valor e 51% em quantidade, compensando a queda de 19% nos preços. Os maiores aumentos foram observados nas vendas para Estados Unidos (34,7%) e Japão (46,7%).

As exportações de açúcar bruto tiveram queda de 20% em valor e 13% em quantidade. Ela foi resultado de menores vendas para alguns dos maiores consumidores, como Argélia (-8,6%), Bangladesh (-14,8%), Iraque (-18,3%) e Nigéria (-14,2%), em decorrência do aumento das exportações de países asiáticos, como a Tailândia. A diminuição foi suavizada pelo aumento de 871% nas vendas para a China, que voltaram a crescer após vários meses de retração em 2017 e 2018. Fumo teve um aumento de 20% nas exportações em valor, com elevação de 32% nas quantidades, enquanto o algodão experimentou um forte aumento de 134% no valor exportado, decorrente basicamente da elevação da quantidade. Isso foi resultado, basicamente, da reconquista do mercado chinês, que tinha sido quase perdido ao longo dos três últimos anos e, nos primeiros sete meses de 2019 aumentou 36 vezes.

TABELA 4

Exportação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-julho 2018-2019

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Soja mesmo triturada	22.511	18.219	-19%	56.472	51.934	-8%	-12%
Celulose	4.940	5.018	2%	9.054	9.122	1%	1%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miudos	3.281	3.690	12%	2.158	2.266	5%	7%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4.063	3.442	-15%	10.300	9.620	-7%	-9%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	2.737	3.109	14%	665	813	22%	-7%
Milho em grãos	1.035	2.718	163%	6.366	15.426	142%	8%
Café cru em grão	2.135	2.599	22%	835	1.260	51%	-19%
Açúcar de cana, em bruto	3.017	2.409	-20%	9.682	8.471	-13%	-9%
Fumo em folhas e desperdícios	937	1.128	20%	214	283	32%	-9%
Algodão em bruto	421	985	134%	245	581	137%	-1%
Demais produtos	8.437	7.551	-10%	-	-	-	-
Total	53.515	50.867	-5%	-	-	-	-

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimae/Ipea.

Pelo lado das importações, quase todos os principais produtos tiveram aumentos expressivos. As compras de trigo elevaram-se 11% em valor, resultado de queda de 2% nas quantidades, amplamente compensada pelo aumento de 12% nos preços. Entretanto, após um período de elevação, no mercado internacional, entre outubro de 2017 e agosto de 2018, os preços passaram a cair desde então, em função de uma safra global recorde, de 771,5 bilhões de toneladas, de acordo com dados

do USDA. Todavia, essa queda de preços no mercado internacional ainda não se refletiu nas compras brasileiras, pois os preços médios de compra, após subirem no ano passado, não voltaram a cair. A expectativa de queda nos preços é uma boa notícia para o Brasil, já que a produção doméstica, atualmente estimada em 5,423 milhões de toneladas, não é suficiente para atender o mercado interno. Entre os países que fornecem o grão para o Brasil, destaca-se a Argentina, que representa atualmente 82,13% do total importado.

As importações de malte experimentaram expressiva alta de 54% em valor, basicamente em razão de elevação de 55% nas quantidades, uma vez que os preços caíram 1%. Lembre-se que esse produto é um dos principais ingredientes para a fabricação de cerveja.

As importações de salmão e produtos hortícolas cresceram, respectivamente, 4% e 3% no período, ao passo que as de demais produtos semimanufaturados (ligados ao agronegócio) se elevaram 22%. Em compensação, as importações de azeite, vinho, borracha e preparações para animais experimentaram redução.

TABELA 5

Importação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-julho 2018-2019

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Trigo em grãos	818	905	11%	3.957	3.893	-2%	12%
Malte inteiro ou partido, não torrado	209	321	54%	416	645	55%	-1%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	300	313	4%	44	48	11%	-6%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	271	278	3%	283	282	0%	3%
Demais produtos semimanufaturados	224	274	22%	198	242	22%	0%
Azeite de oliva, virgem	229	209	-9%	39	44	12%	-19%
Vinho de uvas	204	194	-5%	64	61	-5%	-1%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	210	188	-11%	134	130	-3%	-8%
Preparações alimentícias, outras	155	166	8%	25	28	13%	-5%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	166	158	-5%	55	56	1%	-6%
Demais produtos	2.355	2.278	-3%	-	-	-	-
Total	5.142	5.284	3%	-	-	-	-

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 6 mostra a evolução das importações dos principais insumos utilizados no agronegócio entre os primeiros sete meses de 2018 e de 2019, e mostra crescimento total de 28%. As compras de inseticidas, formicidas e herbicidas (também conhecidos como agroquímicos) tiveram um expressivo crescimento de 28% no período. Ao mesmo tempo, as importações de adubos e fertilizantes cresceram 49%, e as de compostos organo-inorgânicos aumentaram 79%. Da mesma forma, as importações de compostos heterocíclicos, demais produtos básicos outros produtos químicos e compostos nitrogenados também se elevaram no período. Esses dados mostram que, apesar do aumento observado na produção interna de pesticidas, parte dessa demanda ainda é atendida pelo mercado internacional.

TABELA 6

Valor (em US\$) importado de insumos agrícolas segundo PPI, janeiro a julho de 2018-2019

PPI	Valor		Variação
	2018	2019	
Inseticidas, formicidas, herbicidas e prods.semelhantes	1.118.149.876	1.428.029.535	28%
Adbos ou fertiliz.cont.nitrogênio,fósforo e potássio	460.854.114	688.527.125	49%
Compostos organo-inorgânicos	205.230.919	368.069.665	79%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	210.449.088	187.622.553	-11%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	165.917.438	158.034.932	-5%
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	95.879.663	130.515.721	36%
Ácidos carboxílicos, seus anidridos, halogenetos, etc.	52.204.050	53.030.028	2%
Demais produtos básicos	28.084.362	32.252.343	15%
Produtos e preparações das ind.quím.ou conexas, outros	30.640.276	31.836.261	4%
Compostos de funções nitrogenadas	27.414.376	29.362.610	7%
Demais produtos manufaturados	48.274.064	18.133.413	-62%
Demais produtos semimanufaturados	7.629.732	13.440.265	76%
Total	2.450.727.958	3.138.854.451	28%

Fonte: SECEX.

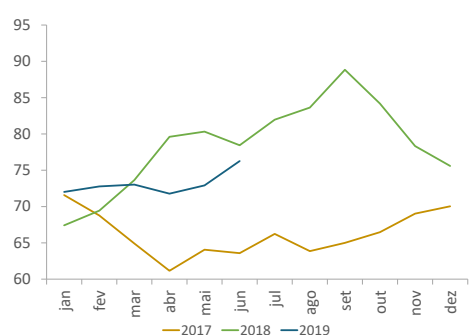
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Mercados e preços agropecuários ⁵

O preço da soja no Brasil registrou alta no segundo trimestre do ano, principalmente em junho, impulsionado pela desvalorização do real frente ao dólar e pelas condições climáticas adversas ao cultivo do grão nos Estados Unidos. Essa reação nos preços atraiu uma parcela dos vendedores e elevou a liquidez no mercado interno, especialmente para exportação. No segundo trimestre de 2019, a média do Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja foi 1,4% superior ao trimestre anterior. Já na comparação entre o primeiro semestre de 2019 e o mesmo período de 2018, a média do indicador teve queda de 2,2% (gráfico 4). Em julho, as melhores condições ao desenvolvimento das lavouras norte-americanas, aliadas às valorizações do real frente ao dólar, passaram a pressionar os preços domésticos.

GRÁFICO 4

Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja
(Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Soja:

Com a maior parte da produção da safra 2018/2019 já comercializada, produtores devem manter os estoques até as definições do desenvolvimento da lavoura nos Estados Unidos. As condições climáticas nesse país e, conseqüentemente, a qualidade do desenvolvimento das lavouras devem seguir balizando o comportamento dos preços da leguminosa no mercado doméstico nos próximos meses.

Quanto à produção doméstica, as estimativas mais recentes divulgadas pela Conab apontam para uma redução de 3,6% na safra 2018/2019, em comparação com a

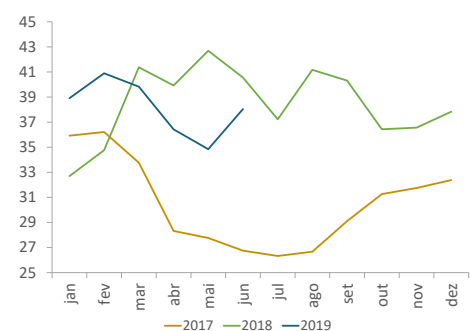
5. Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (geral); André Sanches (grãos); Marcela Barbieri, Caroline Ribeiro, João Paulo Bernardes Deleo (hotifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

safras anteriores. A redução ocorreu devido à diminuição em 5,5% na produtividade da cultura, tendo em vista o avanço de 2% na área plantada, frente à safra 2017/2018. Os dados da Conab mostram que a expansão de área plantada ocorreu em todas as regiões, sendo mais acentuada no Sudeste (4,1%) e mais modesta na região Sul (0,4%). As reduções de produtividade também são estimadas para todas as regiões, chegando a -13,2% no Sudeste e -12,9% no Nordeste. Na região Centro-Oeste, principal produtora do país, estima-se redução de 5,2% na produtividade da cultura, que, em geral, ocorreu devido a questões climáticas e também ao alto patamar de comparação da safra 2017/2018. Ressalta-se que, mesmo com a redução, a produção nacional de soja em 2018/2019 deverá ser a segunda maior da série da Conab, iniciada em 1976 (CONAB, 2019).⁶

O preço do milho teve quedas expressivas nos meses de abril e maio, pressionado pela perspectiva de oferta elevada no segundo semestre (perspectiva de produção recorde na safra 2018/2019). Em junho, o clima desfavorável nos Estados Unidos causou um atraso histórico no semeio daquele país, refletindo em preços maiores no Brasil, principalmente na região dos portos, em função do maior interesse de compradores externos. Para a região de Campinas, a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho no segundo trimestre foi 8,6% inferior em relação ao trimestre anterior; na comparação semestral, a redução foi de 1,3% (gráfico 5). Em julho, o avanço da colheita pressionou os preços na maior parte das regiões do mercado interno.

Especificamente, as estimativas mais recentes divulgadas pela Conab para a produção de milho apontam para um aumento de 22% na safra 2018/2019 em relação à safra anterior, impulsionado pela expansão da segunda safra (34,2%), diante da queda na primeira (-2,5%). O bom resultado da segunda safra reflete principalmente a maior produtividade esperada (25,3%), mas a área plantada também deve ser maior (7,1%). Segundo a Conab, a antecipação do plantio de soja nessa safra possibilitou o adiantamento do cultivo do milho da segunda safra, gerando um aproveitamento total da janela climática e resultando no avanço esperado da produtividade. Ela também destaca que o resultado também foi possibilitado pelo maior emprego de tecnologia (Conab, 2019).

GRÁFICO 5
Indicador Esalq/BM&FBovespa de Preço do Milho
(Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



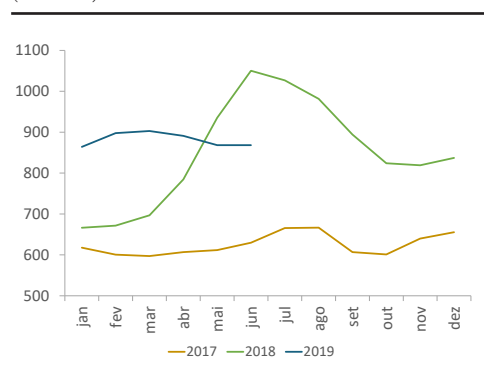
Perspectivas Milho:

A maior disponibilidade do grão deve continuar pressionando para baixo os preços no mercado doméstico. Todavia, o bom ritmo das exportações deve limitar o movimento de queda nos preços. Até o momento, o cenário é bastante favorável às exportações brasileiras.

⁶ Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Acomp. safra bras. grãos, v. 6 - Safra 2018/19 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-113 julho 2019.

O preço do trigo acumulou quedas nos meses de abril e maio, devido à queda na demanda doméstica. Em junho e julho, os preços voltaram a aumentar no mercado interno, em função da entressafra brasileira (aproximadamente de julho a setembro) e do aumento nos preços internacionais, em especial, na Argentina e nos Estados Unidos. A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo no segundo trimestre do ano teve queda de 1,4% se comparado ao trimestre anterior. Já na comparação semestral (primeiro semestre de 2019 em relação ao mesmo semestre de 2018), houve aumento de 10,2% (gráfico 6).

GRÁFICO 6
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Trigo:

Nesse período de entressafra, os preços devem permanecer estáveis, sustentados pela menor oferta de cereal de alta qualidade.

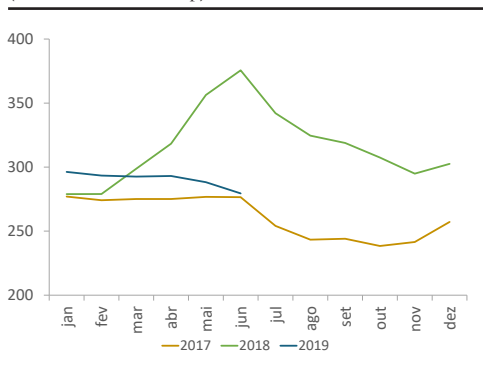
Para a produção, espera-se modesta elevação de 1,1% para o trigo, segundo dados da Conab. O resultado reflete o aumento esperado da produtividade (3,6%), tendo em vista a redução esperada da área plantada com a cultura (2,4%) – movimento observado principalmente no principal estado produtor, o Paraná. Ainda segundo a Conab, a redução da área deve estar associada aos altos riscos da produção do trigo, com destaque para os riscos climáticos, a falta de sementes e o alto custo de produção. Já o aumento esperado na produtividade reflete as condições favoráveis até o momento para o desenvolvimento da cultura (Conab, 2019).

O preço da pluma de algodão recuou no segundo trimestre do ano, pressionado pelo ritmo lento das negociações e pela perspectiva de oferta elevada. Nesse período, cotonicultores estiveram atentos às atividades no campo e ao desenvolvimento das lavouras, favorecidas pelo clima. No segundo trimestre do ano, a média do Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão apresentou queda de 2,4%, se comparado ao trimestre imediatamente anterior. Comparando-se o primeiro semestre de 2019 com o mesmo período de 2018, a queda foi mais expressiva, 8,6% (gráfico 7). Em julho, o avanço da colheita, principalmente no Cerrado, manteve os preços domésticos em queda.

GRÁFICO 7

Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma

(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Algodão:

A maior disponibilidade de algodão deve continuar pressionando os preços da pluma para baixo.

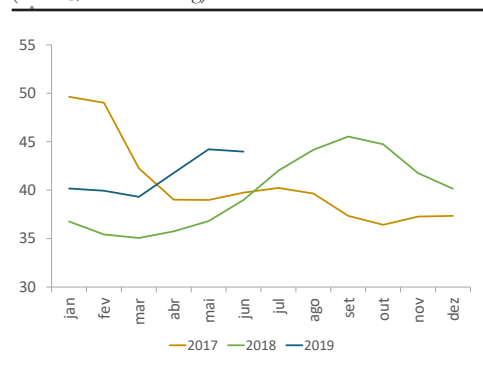
Especificamente, para a produção de algodão, a Conab estima crescimento de 32,9% entre as safras 2017/2018 e 2018/2019, reflexo da expansão em 36,2% na área plantada, com queda estimada de 2,5% na produtividade (com a safra já em iminente conclusão). Segundo a Companhia, houve incremento recorde de área plantada, respondendo aos elevados preços do produto na época de decisão de plantio – com expansão de área em regiões já tradicionais e também incorporação de novas áreas ao processo produtivo (Conab, 2019).

O preço do arroz aumentou nos meses de abril e maio, sustentado pela maior demanda pelo grão. Em junho, com a colheita praticamente concluída, a maior parte dos compradores abastecidos e as importações crescentes (influenciadas pela alta do real em relação ao dólar), os preços tiveram queda. Mas esta queda não foi percebida na média do segundo trimestre do Indicador Esalq/Senar Rio Grande do Sul do preço do arroz, que apresentou aumento de 8,8% em relação ao trimestre anterior. Na comparação do primeiro semestre de 2019 com mesmo período de 2018, a alta foi de 14% (gráfico 8). Em julho, os preços seguiram pressionados para baixo pela queda da demanda pelo grão.

GRÁFICO 8

Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca

(Em R\$/ saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



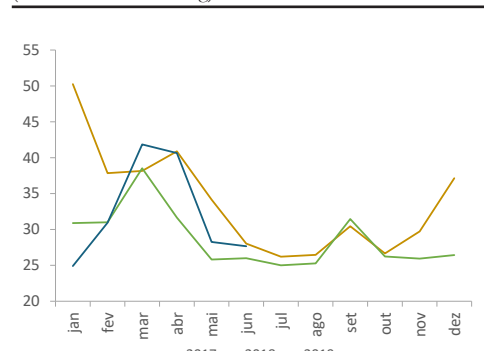
Perspectivas Arroz:

a perspectiva no curto prazo é que a demanda pelo grão permaneça recuada, pressionando para baixo as cotações domésticas neste período de pós colheita.

Para a produção de arroz, em fase final de colheita, a Conab estima redução de 13,6% entre as safras 2017/2018 e 2018/2019, com praticamente estabilidade esperada para produtividade (+0,6%) e redução da área plantada (-14,1%). A Companhia aponta que a cultura do arroz tem perdido área ao longo das safras, com produtores optando por culturas mais rentáveis (Conab, 2019).

No que diz respeito aos hortifrutícolas, o preço médio de comercialização da banana nanica teve queda de 1,1% entre o primeiro e o segundo trimestre de 2019, mas, na comparação do primeiro semestre de 2019 com igual período em 2018, houve alta de 5,7% (gráfico 9). O segundo trimestre de 2019 foi marcado por oscilações na oferta do produto: em abril a oferta estava baixa, mas, a partir de maio, com o início da colheita de precoces nas regiões produtoras (Vale do Ribeira e Norte de Santa Catarina), os preços tiveram queda. A qualidade da fruta foi prejudicada não só pela antecipação da colheita, mas também pelas fortes chuvas de granizo no Sul e no Sudeste em junho. Houve, ainda, dificuldades na comercialização nos principais centros consumidores, reflexo do clima frio, dos feriados e das elevadas cotações de períodos anteriores, que desestimularam o consumo da fruta. Em julho, com a finalização da colheita e as baixas temperaturas nas regiões produtoras, a oferta de nanica voltou a se reduzir. Todavia, a alta das cotações foi limitada pela queda de qualidade da fruta – o clima mais frio no Sul e no Sudeste, onde se localizam as principais regiões produtoras da variedade, resultaram na maior incidência do *chilling* (escurecimento da casca).

GRÁFICO 9
Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado (Em R\$/ caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Banana:

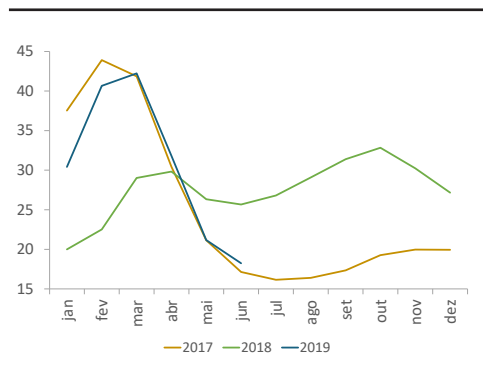
No terceiro trimestre de 2019, com a redução da colheita de banana nanica, a oferta deve se reduzir, dando espaço para a forte entrada da variedade prata no mercado. Assim, a expectativa é que haja aumento nos preços da nanica, mas que devem ficar limitados pela qualidade – com o clima mais frio no Sul e no Sudeste resultando na maior incidência do *chilling* durante a fase de desenvolvimento do fruto.

Quanto à produção de banana no país, dados do LSPA/IBGE apontam para aumento de 3% em 2019, frente a 2018. O aumento é resultado da maior produtividade esperada (4,8%), diante de redução da área colhida (1,7%).

O segundo trimestre de 2019 foi marcado por queda nos preços da laranja pera no mercado in natura. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, a queda foi de 37,2%. Ainda assim, na comparação entre os primeiros semestres de 2018 e 2019, houve alta de 20,3% (gráfico 10). A queda dos preços no segundo

trimestre ocorreu devido à alta disponibilidade de laranjas precoces, de modo que nem mesmo a boa demanda da indústria impediu a desvalorização. Segundo o LSPA/IBGE, a produção de laranja deve recuar modestos 1,2% em 2019, frente a 2018, resultado da menor área colhida (3,4%). Para a produtividade, o Instituto estima aumento de 2,2%.

GRÁFICO 10
 Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado (Em R\$/ caixa de 40,8 kg, na árvore)



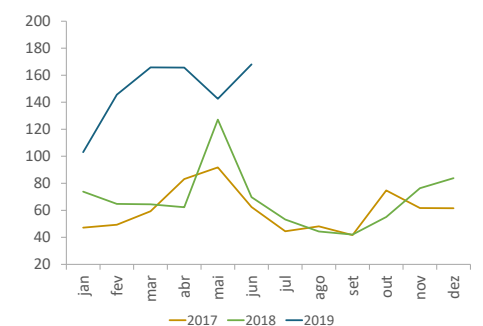
Fonte: Cepea/Esalq/USP

Perspectivas Laranja:

A oferta deve continuar alta no terceiro trimestre. Entretanto, o encerramento da colheita das variedades precoces (como hamlin, westin, rubi, entre outras), juntamente com a intensificação do processamento industrial, devem reduzir a oferta disponível no mercado de mesa, o que pode ser um fator de alta nos preços.

O segundo trimestre de 2019, como previsto, registrou elevados preços para a batata. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o preço médio de comercialização da batata ágata especial aumentou 14,9%, e na comparação entre os primeiros semestres de 2018 e 2019, a alta foi de 92,7% (gráfico 11). Muitos produtores, visando aproveitar os bons preços, adiantaram a colheita da safra das águas, restando menos oferta para o final da safra. Era esperada uma desvalorização em junho, devido à intensificação da colheita das secas, fato que veio a ocorrer só a partir de julho, também pelo início da safra de inverno.

GRÁFICO 11
 Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado (Em R\$/ saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP

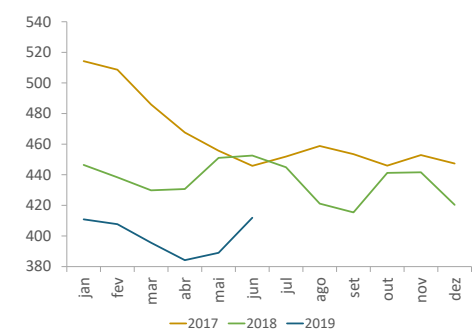
Perspectivas Batata:

Para o terceiro trimestre de 2019, a previsão é de que os preços apresentem queda, já que a colheita da safra de inverno se intensificará. A desvalorização do tubérculo é típica nesse período, já que a produtividade é maior que no primeiro semestre do ano.

Segundo o LSPA/IBGE, a produção total de batata em 2019 deve ser apenas 1% maior que a obtida em 2018. Enquanto para a primeira e a segunda safras a estimativa é de aumento (3,6% e 1%, respectivamente), a terceira safra deverá ser menor (3,1%). O modesto aumento para o total das safras resulta principalmente da maior área colhida na primeira safra e das maiores produtividades para a primeira e a segunda safras.

O preço do café arábica se manteve em baixa no segundo trimestre de 2019. Na comparação entre o primeiro e o segundo trimestres de 2019, o Indicador Cepea/ESALQ do café arábica apresentou queda de 2,4%, e, na comparação semestral (2018 versus 2019), a queda foi de 9,4% (gráfico 12). Apesar da recuperação em maio e junho, devido a preocupações quanto ao clima, os preços do produto seguem historicamente baixos, refletindo ainda o excesso de oferta no mercado mundial. Além dos estoques de café remanescentes da safra 2018/2019, as perspectivas de produção elevada na safra 2019/2020 seguem afetando as expectativas do setor. Em julho, apesar do andamento da colheita, a comercialização do grão foi lenta, devido às fortes oscilações dos preços e ao fato de que produtores conseguiram obter o caixa necessário para o pagamento dos custos das atividades.

GRÁFICO 12
Indicador Cepea/ESALQ do café arábica
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Café:

Com a finalização da colheita da safra 2019/2020 esperada para agosto, o setor deve voltar a sua atenção para o desenvolvimento da safra 2020/2021, que será de bialidade positiva. Caso o clima siga favorável, a tendência é de queda nas cotações. Por isso, a comercialização do grão pode ser mais limitada no terceiro trimestre, concentrada em dias de alta dos preços ou conforme a necessidade de uma das pontas.

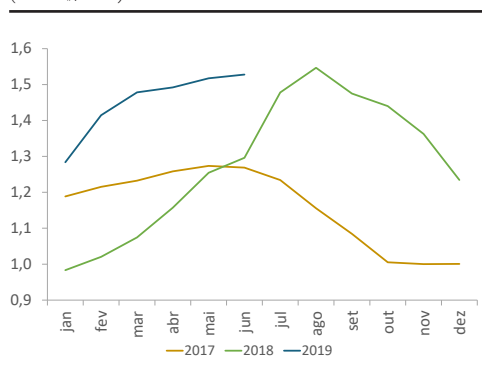
Quanto à produção de café, a Conab estima queda de 17,4% na safra 2019, com diminuição de 1,1% da área plantada e 16,5% da produtividade. Na atual safra, há a influência da bialidade negativa para o arábica sobre quase todas as regiões produtoras.

A média Brasil do preço do leite ao produtor apresentou aumento de 8,6% no segundo trimestre de 2019 na comparação com o primeiro trimestre. Comparando-se o primeiro semestre de 2019 frente ao mesmo período de 2018, a alta foi de 28,4%. O preço do leite vem apresentando movimento de alta em 2019, e, apesar de essa tendência ter sido menos acentuada no segundo trimestre do ano, os patamares de preços atingidos foram os maiores da série histórica do Cepea, que se iniciou em 2004. Essa expressiva valorização esteve atrelada ao cenário de elevada competição

entre indústrias lácteas para garantir a compra de matéria-prima e à menor oferta neste primeiro semestre. A disponibilidade de leite tem sido limitada pela redução de chuvas no Sudeste e Centro-Oeste e diminuição da qualidade das pastagens, e também pela insegurança de produtores em realizar investimentos desde 2017. Os preços ao produtor usualmente seguem uma sazonalidade específica em função das chuvas, sendo observadas consecutivas altas até agosto, tipicamente o pico dos preços, quando normalmente se encerra o período seco. No entanto, a indústria láctea vem apresentando dificuldade em repassar a alta da matéria-prima para o consumidor. Então, as expressivas valorizações no preço ao produtor desde o início do ano e a intensa concorrência entre os laticínios anteciparam para julho o início do movimento de queda nos preços.

GRÁFICO 13

Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Leite:

Espera-se que haja quedas graduais nos preços do leite ao produtor. As indústrias lácteas devem pressionar as cotações no segundo semestre, buscando melhorar suas margens. Do lado da oferta, espera-se que a produção na região Sul se eleve gradualmente, por conta da disponibilidade das pastagens de inverno. No Sudeste e Centro-Oeste, o aumento da captação de leite dependerá da relação de troca do leite com a ração (determinada principalmente pelos preços do milho) e das condições climáticas (que, tipicamente, são mais favoráveis a partir de meados de setembro).

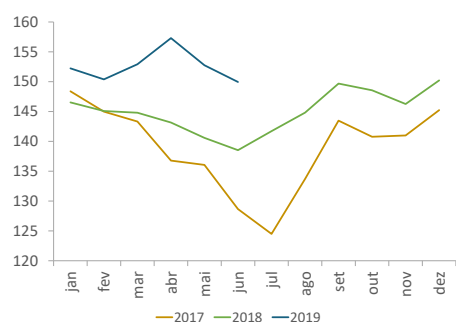
Dados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL) do IBGE mostram que, no primeiro trimestre de 2019, a produção de leite cru no Brasil foi 3% superior à observada no mesmo trimestre de 2018. Já em comparação com o último trimestre do ano passado, houve redução de 7,5%. Essa dinâmica reflete o comportamento da produção nos principais estados produtores, com destaque para Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná.

Ao longo do segundo trimestre de 2019, o Indicador ESALQ/B3 do preço do boi gordo apresentou queda, mas, na comparação com o trimestre anterior, houve modesto aumento de 1%. Na comparação semestral, o valor médio do indicador no primeiro semestre de 2019 também teve alta – 6,6% superior ao observado no mesmo semestre de 2018 (gráfico 14). O aumento sazonal da oferta com o final da safra, e também a paralisação temporária dos embarques à China em decorrência do caso atípico de “vaca louca” em Mato Grosso, exerceram pressão negativa sobre os preços do boi gordo, sobretudo no final do trimestre. A retomada das exportações ao país asiático, que corroborou o bom desempenho das vendas externas como um todo, favoreceu a recuperação dos preços em julho, visto que, apesar das escalas de abate relativamente confortáveis (frigoríficos têm um certo volume de animais comprados e não possuem urgência para novas aquisições), a oferta de animais

não era expressiva. Especificamente, em julho, tem-se o início da entressafra. Além disso, parte dos animais de confinamentos já estava comprometida em negócios fechados antecipadamente com a indústria.

Quanto à produção, dados da Pesquisa Trimestral do Abate (PTA) do IBGE mostram que, no primeiro trimestre de 2019, o peso total das carcaças bovinas abatidas aumentou 2,7% em relação ao primeiro trimestre de 2018, mas ficou abaixo do abatido no último trimestre daquele ano (-6,3%). Para a expansão dos abates, na comparação entre os primeiros trimestres de 2018 e de 2019, as principais contribuições vieram dos estados de Mato Grosso, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Sergipe.

GRÁFICO 14
Indicador Esalq/B3 do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Boi:

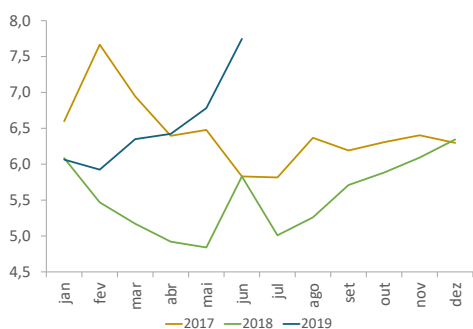
O mercado futuro de boi negociado na B3 aponta expectativa de aumento gradual dos preços da arroba até o final de 2019. O cenário atual das exportações e as possibilidades de novos incrementos de vendas nesse segmento, seja em função do aumento de volume para certos destinos ou da abertura de mercados, tem parte importante na formação das expectativas positivas na formação de preços.

Entre o primeiro e o segundo trimestres de 2019, os preços do suíno vivo e os da carcaça especial suína apresentaram alta. Especificamente, o preço médio de comercialização da carne suína (carcaça especial) no segundo trimestre teve aumento de 14,2% em relação ao trimestre anterior, com a média do primeiro semestre de 2019 ficando 21,6% maior que o do mesmo semestre de 2018 (gráfico 15). O impulso nos preços decorreu do elevado ritmo das exportações na região Sul. Após a expressiva alta observada em junho, no correr de julho, os preços começaram a cair, principalmente nos mercados paulista e mineiro, reflexo da baixa liquidez doméstica (as indústrias situadas no Sudeste abastecem majoritariamente o mercado interno).

Quanto à produção de carne suína, dados do PTA/IBGE mostram que o abate está em alta no primeiro trimestre de 2019, com crescimento de 3,9% em relação ao primeiro trimestre de 2018, e de 1,2% em relação ao último trimestre de 2018, para o peso total das carcaças. O movimento reflete o crescimento para os principais estados produtores do país – Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul –, mas também para Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo.

GRÁFICO 15

Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



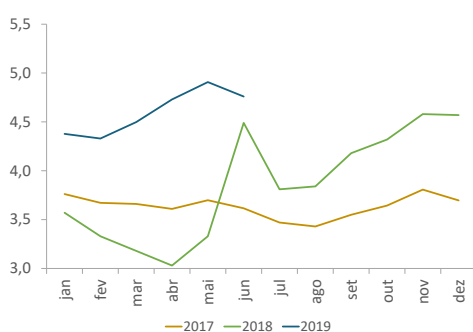
Perspectivas para a carne suína

Apesar de as exportações terem registrado bom desempenho no primeiro semestre, ficaram aquém das expectativas das agroindústrias e frigoríficos exportadores. Nesse contexto, a demanda por parte das indústrias exportadoras tem recuado e contribuído para a queda no preço do suíno vivo observada a partir de julho.

No segundo trimestre, o aumento nos preços ao longo da cadeia avícola foi impulsionado pelo crescimento das vendas ao mercado externo. Especificamente, o preço médio de comercialização do frango abatido no segundo trimestre teve alta de 9% em relação ao trimestre anterior, com a média do primeiro semestre de 2019 ficando 31,9% superior ao do mesmo semestre de 2018 (gráfico 16). É válido destacar que a valorização da carne foi favorável principalmente às indústrias exportadoras, uma vez que os frigoríficos que abastecem somente o mercado interno tiveram dificuldade em negociar com as redes atacadistas nos patamares de preços elevados. No mês de julho, o consumo doméstico da carne de frango esteve enfraquecido, reflexo dos preços elevados, da preferência pelo consumo de outras proteínas no período do inverno e das férias escolares.

GRÁFICO 16

Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



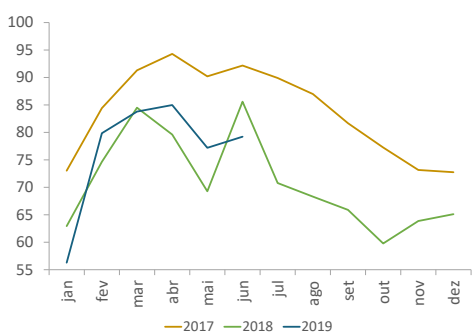
Perspectivas para a carne de Frango

Apesar do impulso nas exportações no correr de 2019, os avicultores não estão sinalizando a realização de novos investimentos para aumentar a produção. Contudo, produtores e agroindústrias estão reduzindo a capacidade ociosa e operando próximo à capacidade máxima. Além disso, dados os problemas sanitários enfrentados pela China, espera-se que as exportações brasileiras com destino ao país continuem elevadas. Nesse cenário, a expectativa é de que os preços continuem em patamares superiores àqueles de 2018.

Quanto aos abates de aves, segundo dados do PTA/IBGE, houve incremento no peso total das carcaças abatidas no primeiro trimestre de 2019 se comparado com o último trimestre de 2018 (+1,3%), impulsionado pelos estados do Paraná e Santa Catarina. Entretanto, na comparação com o mesmo período do ano anterior, foi observada queda de 2,3%.

As vendas de ovos no período da Quaresma, quando tradicionalmente a liquidez aumenta, ficaram abaixo das expectativas dos granjeiros. Logo após o período religioso, os avicultores descartaram poedeiras e fizeram muda forçada para diminuir a quantidade produzida do produto, a fim de evitar queda nos preços (após redução observada em junho). A média do Indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco aumentou 9,8% no segundo trimestre de 2019, se comparado ao primeiro. Na comparação entre o primeiro semestre de 2019 com igual período de 2018, a elevação foi de apenas 1% (gráfico 17). Em julho, as temperaturas mais baixas também ajudaram a diminuir a produção, mas isso não foi suficiente para elevar os preços, uma vez que as férias escolares retraíram a demanda por ovos.

GRÁFICO 17
Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco (Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

A expectativa é de que, no começo do próximo trimestre, os preços dos ovos se elevem, uma vez que as temperaturas amenas do inverno ajudaram a controlar a produção e, ao mesmo tempo, o fim das férias escolares pode aumentar a demanda. No entanto, algumas granjas estão aumentando a produção. Como o principal canal de escoamento dos ovos é o próprio mercado doméstico, essa maior oferta pode pressionar os preços para baixo.

Quanto à produção de ovos, dados da Produção de Ovos de Galinha (POG) do IBGE apontam que houve redução de 3,1% no primeiro trimestre de 2019 em comparação com o quarto trimestre de 2018. Esse resultado reflete principalmente a redução da produção registrada em São Paulo (principal estado produtor) no período. Já na comparação entre o primeiro trimestre de 2019 com igual período do ano passado, a produção de ovos cresceu 6%, resultado de aumentos observados em diversos estados menos representativos que São Paulo em termos de produção, como Ceará, Espírito Santo, Paraná, Goiás e Pernambuco.

Em resumo, tanto no segundo trimestre de 2019 quanto no acumulado no ano, de forma geral, os mercados pecuários foram marcados por preços em alta, até o fechamento deste relatório. Entre o primeiro e o segundo trimestres, com exceção do preço de boi, que apresentou apenas modesto aumento, houve valorização importante das cotações para a carne suína, os ovos, a carne de aves e o leite. Considerando o semestre como um todo, os aumentos mais expressivos em preços frente ao primeiro semestre de 2018 foram verificados para as carnes suína e de aves, influenciados pelo bom ritmo das exportações, e para o leite.

Nos mercados agrícolas, não houve uma tendência geral comum aos produtos analisados. Pela ótica do produtor, o cenário para o café é o mais desfavorável

em termos de preços e produção, com baixas cotações – devido ao alto estoque internacional – combinadas à redução importante na produção devido ao efeito da bialidade negativa. Para os hortifrutícolas – banana, laranja e batata –, os preços estão em bom patamar comparativamente a 2018, e apenas para a batata há previsão de queda. Entre os grãos, as elevadas safras para o milho e algodão pressionaram os preços, que estão em baixa frente a 2018 tanto na comparação trimestral como semestral. No caso da soja, embora o valor da produção esteja em baixa, as variações em preços e produção foram relativamente pouco intensas, com os preços internos sendo afetados apenas pelos problemas climáticos que afetaram a safra americana do produto. Assim, mesmo com uma safra inferior à de 2017/2018 e algum recuo dos preços, a rentabilidade com a soja se manteve em patamar favorável comparativamente a outras culturas.

4 Crédito rural⁷

4.1 Ano-safra 2018-2019⁸

O ano-safra 2018-2019 (julho/2018 a junho/2019) se encerrou com elevação de +3,5% do valor do crédito contratado em relação ao ano-safra 2017-2018. O incremento de R\$ 5,9 bilhões observado no crédito foi dirigido para a atividade agrícola (+5,1%), o financiamento de custeio (+7,0%) e investimento (+8,4%), concedido fundamentalmente por cooperativas de crédito (+19,4%), e tomados por produtores pessoa física de todos os portes, seja pronafricanos (+8,7%), pronampianos (+6,3%) e de maior porte (+11,9%). O destaque negativo é a retração ao crédito à pessoa jurídica (-13,2%) e à comercialização e industrialização (-10,4%).

Entre as fontes de recurso, percebe-se o expressivo avanço dos recursos não controlados (+31,5%), especialmente recursos livres (+150,6%) e Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) (+23,8%), em detrimento dos recursos controlados (-5,5%). Nesse último caso, vale destacar o bom desempenho da poupança rural (+27,1%), que vem registrando captações e saldos crescentes; e de fundos constitucionais (+16,6%), com recursos garantidos de Imposto de Renda (IR), Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e com crédito barato para o fomento, além da recuperação das linhas equalizadas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (+17,3%).

O balanço do Plano Safra 2018-2019 mostra a consolidação de importantes tendências que já vinham sendo observadas nos últimos anos, como o crescimento das cooperativas de crédito, atendimento dos pequenos e médios produtores, o avanço das linhas de recursos livres a taxas de mercado e o financiamento do setor por instrumentos não controlados, como títulos mobiliários, cujo maior exemplo são as LCAs.

⁷ Subseção elaborada por Fabio Servo da Dimac/Ipea.

⁸ Dados compilados a partir do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central, através da Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR).

TABELA 7

Crédito rural contratado por tipos e fontes, anos-safra 2017-18 e 2018-2019

	Ano-Safra			
	17/18	18/19	dif. R\$	% var.
	Valor Contratado (R\$ milhões correntes)			
TOTAL	169.529	175.447	5.917	3,5%
Por Tipo de Atividade				
Agrícola	114.951	120.777	5.826	5,1%
Pecuária	54.578	54.670	92	0,2%
Por Finalidade do Crédito				
Custeio	92.415	98.840	6.425	7,0%
Investimento	40.072	43.418	3.347	8,4%
Comercialização e Industrialização	37.043	33.188	-3.855	-10,4%
Por Tipo de IF Concedente				
Bancos Públicos	94.505	95.209	703	0,7%
Bancos Privados	47.810	47.653	-157	-0,3%
Cooperativa de Crédito	25.298	30.209	4.912	19,4%
Outros	1.916	2.376	460	24,0%
Por Tipo de Tomador				
Pronaf ¹	20.413	22.190	1.777	8,7%
Pronamp ²	19.804	21.055	1.251	6,3%
PF Grande Porte ³	79.481	88.928	9.446	11,9%
PJ	49.831	43.274	-6.556	-13,2%
Por Fonte de Recursos				
Recursos Controlados	128.347	121.280	-7.067	-5,5%
Recursos Obrigatórios ⁴	56.873	35.873	-21.000	-36,9%
Poupança Rural ⁵	37.167	47.254	10.087	27,1%
Fundos Constitucionais	15.126	17.635	2.509	16,6%
BNDES	13.514	15.855	2.340	17,3%
Outros	5.666	4.663	-1.003	-17,7%
Recursos Não-Controlados	41.182	54.167	12.984	31,5%
Poupança Rural	10.175	9.764	-411	-4,0%
Recursos Livres	5.083	12.739	7.656	150,6%
LCA	23.912	29.597	5.684	23,8%
Outros	2.012	2.067	56	2,8%

Fonte: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR)/Sicor.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹Pequeno Produtor: até R\$ 415 mil de renda bruta agropecuária anual (RBA).

²Médio Produtor: superior a R\$ 415 mil e até R\$ 2 milhões de RBA.

³Grande Produtor: superior a R\$ 2 milhões de RBA. Inclui também crédito livre PF.

⁴Compulsório sobre depósitos à vista com exigibilidade adicional.

⁵Poupança Rural com exigibilidade adicional.

4.1.1 Condições do Crédito Rural⁹

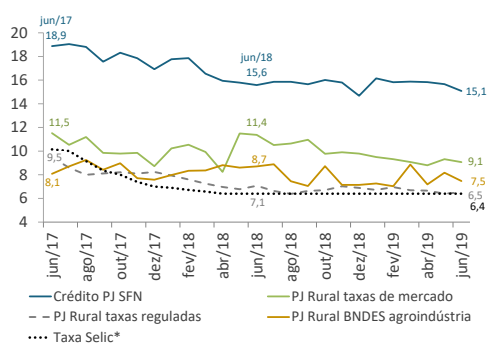
Com a redução da taxa Selic e o avanço das novas concessões a taxas livres, desde o fim de 2017, observa-se uma convergência das taxas com os juros básicos da economia, reduzindo o impacto fiscal das operações. Em junho, as taxas de juros do crédito rural à pessoa jurídica consolidaram um novo patamar, inferior ao registrado em igual mês do ano passado. Nas linhas a taxas de mercado, os juros médios encontram-se em 9,1% ao ano (a.a.), ou queda de -2,30 pontos percentuais (p.p.) em doze meses, 6,5% a.a. nas a taxas reguladas, ou -0,55 p.p. em doze meses, e 7,5% a.a. nas do BNDES, ou -1,24 p.p. em doze meses. No caso do crédito rural à pessoa física, as linhas a taxas de mercado registraram 10,1% a.a., ou -0,16 p.p. em doze meses, 6,6% a.a. nas taxas reguladas, ou -0,89 p.p. em doze meses, e 7,3% a.a. nas do BNDES, a única com alta de +0,41% em doze meses. De maneira geral, as taxas de juros do crédito rural mantêm-se significativamente abaixo dos juros médios praticados no crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN).

⁹ Dados compilados a partir do Sistema de Informações de Crédito (SCR) do Banco Central, por meio do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

GRÁFICO 18

Juros médios do crédito à pessoa jurídica por tipo de linha – taxas de juros média anualizadas

(% a.a.)

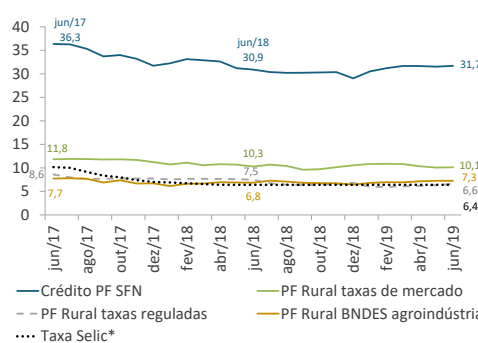


Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 19

Juros médios do crédito à pessoa física por tipo de linha – taxas de juros média anualizadas

(% a.a.)



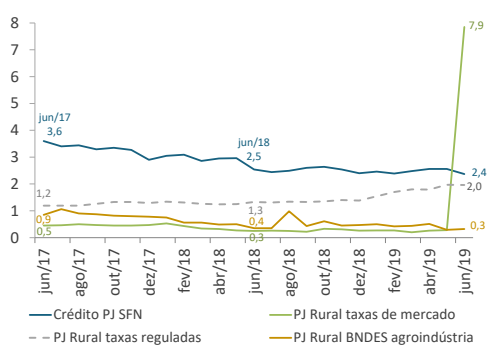
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No que tange à inadimplência do crédito rural, registra-se um preocupante salto localizado na carteira rural a taxas de mercado da pessoa jurídica. Esse dado refere-se a dificuldades enfrentadas por algumas empresas do setor, notadamente a Atvos (ou Odebrecht Agroindustrial), que entrou com pedido de recuperação judicial em maio.¹⁰ Com isso, a inadimplência do crédito rural a taxas de mercado da pessoa jurídica saltou para expressivos 7,9% em junho (ante 0,3% em doze meses), destoando das demais linhas de crédito à pessoa jurídica, com 2,0% para as a taxas reguladas (ante 1,3% em doze meses) e 0,3% para as do BNDDES (ante 0,4% em doze meses), e mesmo do crédito geral do SFN à pessoa jurídica. No caso do crédito rural à pessoa física, observa-se em junho uma expressiva queda da inadimplência das linhas a taxas de mercado, com 1,5% (ante 3,1% em doze meses), e relativa estabilidade das demais, com 2,6% para as a taxas reguladas (2,6% em doze meses) e 0,6% para as do BNDDES (0,9% em doze meses). O crédito do SFN à pessoa física, de maneira geral, tem mantido a trajetória de queda da inadimplência.

GRÁFICO 20

Inadimplência do crédito à pessoa jurídica por tipo de linha

(Em %)

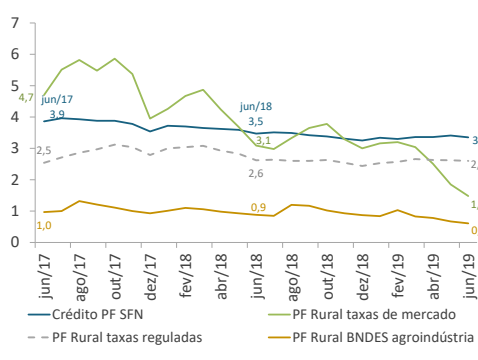


Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 21

Inadimplência do crédito à pessoa física por tipo de linha

(Em %)

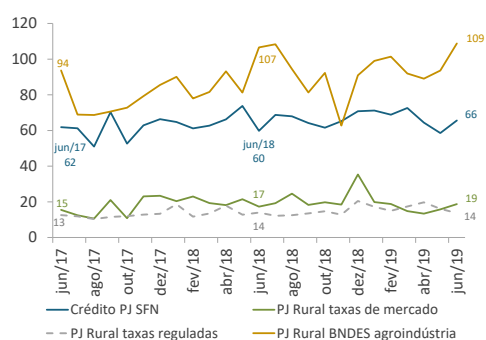


Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

10 Segundo matéria publicada pela página da MoneyTimes em 30 de maio de 2019, “A Atvos, segunda maior produtora de etanol do país, controlada pela empreiteira Odebrecht, entrou nesta última quarta-feira (29) com pedido de recuperação judicial na Justiça do Estado de São Paulo. A empresa tem uma dívida estimada em R\$ 12 bilhões, dos quais R\$ 4,1 bilhões devidos ao BNDDES, R\$ 3,8 bi ao Banco do Brasil, R\$ 530 milhões com a Caixa Econômica Federal, R\$ 390 milhões com o Itaú e R\$ 260 milhões com o Bradesco.” Disponível em: <<https://moneytimes.com.br/atvos-braco-de-etanol-da-odebrecht-pede-recuperacao-judicial-com-divida-de-r-12-bi/>>.

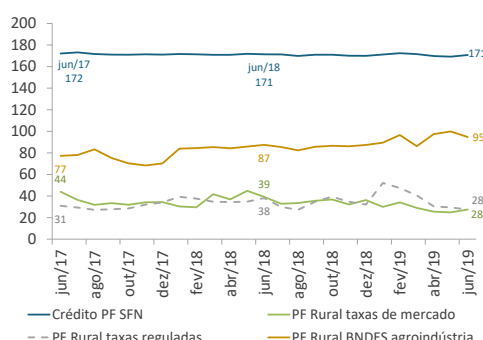
Por fim, em junho, os prazos médios das novas concessões de crédito rural têm registrado relativa estabilidade em torno de seus valores históricos, com altas pontuais decorrentes da autorização legal¹¹ para renegociação da dívida rural, e elevação das linhas oferecidas pelo BNDES. No caso do crédito rural à pessoa jurídica, as novas concessões a taxas de mercado têm prazo médio de dezenove meses, e quatorze meses para taxas reguladas. Já as concessões à pessoa física têm prazo médio de 28 meses, tanto para taxas de mercado quanto para taxas reguladas. O crédito rural do BNDES, por sua vez, registrou prazo médio de 109 meses (cerca de nove anos) para as novas concessões à pessoa jurídica e 95 meses (quase oito anos) à pessoa física. Esse alongamento gradual do prazo das linhas do BNDES é facilitado pela forma de cálculo da nova taxa de referência dos contratos do banco, a Taxa de Longo Prazo (TLP), adotada a partir de janeiro de 2018.

GRÁFICO 22
Prazo médio do crédito à pessoa jurídica por tipo de linha
(Em meses)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 23
Prazo médio do crédito à pessoa física por tipo de linha
(Em meses)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4.1.2 Plano Safra 2019-2020

O novo Plano Safra 2019-2020 foi anunciado em junho passado, confirmando as expectativas quanto à melhor focalização de recursos que envolvam subvenção pública, ao fortalecimento do crédito livre e a medidas que visam melhorar o ambiente de negócios do financiamento rural. Em primeiro lugar, o volume total de recursos disponibilizado para o período de julho de 2019 a junho de 2020, de R\$ 225,6 bilhões, é 0,6% maior que os R\$ 224,3 bilhões anunciados no Plano Agrícola e Pecuário (PAP), em junho de 2018, para o ano-safra 2018-2019. Esse incremento está focalizado no crédito ao médio produtor, com alta de +32,3% em relação ao último Plano Safra, e aos recursos não controlados (crédito livre), com +98,5%, em especial às captações via LCA (+102,4%), que não terá mais direcionamento para linhas a taxas mais favorecidas.

Vale dizer que há avanços também nas linhas voltadas ao pequeno produtor (Pronaf). Houve priorização dos recursos para custeio (+21,9%), em especial

¹¹ Lei nº 13.340, de 28 de setembro de 2016; Lei nº 13.306, de 9 de janeiro de 2018; e Lei nº 13.729, de 8 de novembro de 2018.

na produção de alimentos básicos (arroz, feijão, mandioca, trigo, leite, frutas e hortaliças) e para investimento na recuperação de áreas degradadas, cultivo protegido, armazenagem, tanques de resfriamento de leite e energia renovável. Prevê-se também recursos da ordem R\$ 5 bilhões para subvenção de equalização de taxas do Pronaf, estimadas em 4,6% a.a. em média para o novo ano-safra, entre operações de custeio e investimento. Outra novidade é a previsão de R\$ 500 milhões para o financiamento para construção e reforma de casas no meio rural para o pequeno produtor, com limite de até R\$ 50 mil por beneficiário.

TABELA 8
Recursos para a agropecuária previstos no anúncio dos Planos-Safra 2018-2019 e 2019-2020

	Plano Agrícola e Pecuário (PAP)			
	Em R\$ bilhões		var. R\$ bi	var. %
	2018-2019	2019-2020		
Total	224,3	225,6	1,3	0,6%
Crédito Rural	221,1	222,7	1,6	0,7%
Custeio, comercialização e industrialização	166,1	169,3	3,2	1,9%
Investimento	55,0	53,4	-1,6	-2,9%
Pronaf ¹	30,0	31,2	1,2	4,1%
Pronamp ²	20,0	26,5	6,5	32,3%
Demais produtores ³	171,1	165,0	-6,0	-3,5%
Juros controlados	183,7	148,5	-35,2	-19,2%
Juros livres	37,4	74,3	36,9	98,5%
LCA	27,2	55,0	27,8	102,4%
Apoio à Comercialização / PGPM⁴	2,6	1,9	-0,8	-28,8%
Seguro Rural / PSR⁵	0,6	1,0	0,4	66,7%

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Pequeno Produtor: até R\$ 415 mil de renda bruta agropecuária anual (RBA).

² Médio Produtor: superior a R\$ 415 mil e até R\$ 2 milhões de RBA.

³ Ineui produtores de grande porte (RBA superior a R\$ 2 milhões), PJ e crédito livre.

⁴ Política de Garantia de Preços Mínimos.

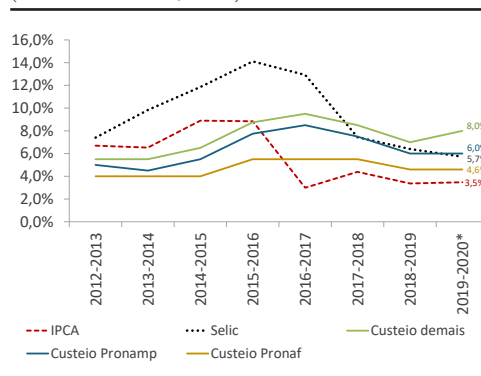
⁵ Programa de Subvenção do Prêmio do Seguro Rural.

Em relação ao crédito de custeio, o Plano Safra 2019-2020 manteve a taxa de juros do Pronamp (6,0% a.a.) e a taxa-teto do Pronaf (4,6% a.a.), mas elevou a taxa-piso do Pronaf (de 2,5% a.a. para 3,0% a.a.) e dos demais produtores (de 7% a.a. para 8% a.a.). Aliás, nesse contexto, é interessante observar a evolução dos juros de custeio ao longo dos sucessivos Planos Safra, segundo levantamento da CNA.¹² Percebe-se que, até o Plano Safra 2015-2016, as taxas praticadas para custeio mantiveram-se abaixo da inflação (IPCA) do período, configurando juros reais negativos.

GRÁFICO 24

Inflação, Selic e Taxas de Juros de Custeio Planos-Safra

(Valores anualizados, em %)



Fonte: CNA e BCB.

Nota: * Valores do Plano Safra 2019-2020 e, para IPCA e Selic, valores calculados a partir da mediana das expectativas mensais (jul-2019 a jun-2020) de IPCA e Selic em 01/07/2019.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso da taxa de juros básicos da economia (Selic), há uma convergência das taxas, sendo que, para o período 2019-2020, espera-se que as taxas de custeio do Pronamp e para os demais produtores fiquem acima da Selic e a do teto do Pronaf

¹² Nota Técnica nº 23/2019-CNA de 19 de junho de 2019.

fique abaixo, mas com uma diferença decrescente, permitindo uma maior eficiência na política de equalização da taxa de juros dessas operações subvencionadas.

No que tange ao investimento rural, foram assegurados recursos para linhas consideradas mais importantes para o setor: Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA) com R\$ 1,8 bilhão; Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), com R\$ 2 bilhões; e Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica na Produção Agropecuária (Inovagro), com R\$ 1,5 bilhão. Houve também elevação dos juros das linhas de investimento, reforçando a tendência de convergência do crédito rural para os juros básicos da economia, mas mantendo-se condições mais competitivas, com juros variando entre 3,0% a.a. e 10,5% a.a., a depender do porte do produtor e do programa, em relação às observadas no SFN de maneira geral.

Dentro dos esforços de melhor alocação de recursos públicos, foi priorizada a subvenção ao seguro rural. Em 2020, está prevista a dotação orçamentária de R\$ 1 bilhão para esse fim, maior montante que o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) já recebeu desde sua criação em 2004, segundo informa o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Com esse valor, cerca de 212,1 mil apólices poderão ser contratadas, com a cobertura de 15,6 milhões de hectares e valor segurado de R\$ 42 bilhões. Em 2019, o orçamento é de R\$ 440 milhões, com a contratação de 93,9 mil apólices, cobertura de 6,9 milhões de hectares e R\$ 18,6 bilhões de valor segurado.

Por fim, entre as medidas legais anunciadas, merecem destaque aquelas voltadas para melhorar o ambiente de negócios, com aperfeiçoamento dos instrumentos de garantia, e ampliação e fortalecimento das fontes de financiamento do agronegócio. Nesse contexto, estão a permissão da Cédula do Produtor Rural (CPR) indexada ao câmbio e, conseqüentemente, emissão de Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCA) e Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA) no exterior, além da criação do Fundo de Aval Fraternal (FAF) e a possibilidade de segmentar propriedade rural como garantia nos financiamentos agropecuários (criação do patrimônio de afetação da parcela rural).

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

PIB agropecuário 2019 e 2020

Leonardo Mello de Carvalho (Dimac/Ipea)
Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)
Felipe Moraes Cornélio (Dimac/Ipea)
José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (Cepea/Esalq-USP)
Nicole Rennó Castro (Cepea/Esalq-USP)
Leandro Gilio (Cepea/Esalq-USP)
Ana Carolina de Paula Morais (Cepea/Esalq-USP)
Marcello Luiz de Souza Junior (Cepea/Esalq-USP)

Setor externo

Marcelo Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro e Leandro Gilio (Geral)
André Sanches (Grãos)
Marcela Barbieri, Caroline Ribeiro e João Paulo Bernardes Deleo (Hotifrutícolas)
Renato Garcia Ribeiro (Café)
Natália Salaro Grigol (Leite)
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi)
Juliana Ferraz e Maristela de Mello Martins (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

Crédito rural

Fabio Servo (Dimac/Ipea).



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Adriana Cabrera Baca
Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Helena Nobre de Oliveira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Matheus Souza Peçanha
Pedro Mendes Garcia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.